

445

BRAÇADAS EM PRETO E BRANCO: CORPOS FEMININOS UNINDO FORÇA E GRAÇA.

Viviane Teixeira Silveira, Lúcio Kerber Canabarro, Michele Braun Figueiredo, Aline Rodrigues, Luiz Carlos Rigo, Eliane Ribeiro Pardo (orient.) (Ginástica, Escola Superior de Educação Física, UFPEL).

Parte de um estudo maior referente à memória do esporte na cidade intitulado "Memórias Cartográficas do Esporte Pelotense", este texto trata especificamente das memórias de nadadoras desta cidade nos anos 40 e 50, suas singularidades e algumas das suas condições de possibilidades. Além de fontes escritas (Revista dos Esportes, 1948 a 1958) fizemos uso também de fontes orais (quatro depoimentos de antigas nadadoras), bem como de fotografias históricas. De posse desse material empírico estamos construindo uma trama esportiva cultural que fala das memórias e das trajetórias dessas mulheres. Nessa investigação histórica estamos dedicando uma atenção especial para a análise dos papéis sociais e dos estereótipos femininos dentro das práticas esportivas modernas (Goellner, 1999) e sobre como se deram as inúmeras formas de intervenção e de produção do corpo nessas práticas, (Foucault, 1982). Os depoimentos nos revelaram que a experiência de ser nadadora ajudou a forjar a subjetividade dessas mulheres. Essa prática esportiva, de alta intensidade corporal, produziu interferências sobre as relações de sociabilidade (família, clube) e, principalmente, em função da continuidade e das repetições dos treinos e competições, afetou diretamente o trato e os "cuidados" com o corpo (Louro, 2001). Ao passar de assistente a atleta elas adentraram um lugar até então reduto do masculino, produzindo um tensionamento nas questões de gênero e uma fissura no "ethos" esportivo masculino da época. Os discursos da época eram prescritivos e suas restrições iam desde os cuidados especiais que a mulher deveria ter com um possível e "perigoso" desenvolvimento muscular excessivo até as vestimentas indicadas ou não para os treinos e as competições. Por fim podemos dizer que as memórias das nossas entrevistadas assinalam que o ofício de mulher nadadora atleta em Pelotas, nos anos 40 e 50, esteve permeado por ambigüidades e por relações de poder propositivas (Foucault, 1982). Ao mesmo tempo em que os discursos predominantes incentivavam a participação da mulher na natação, produzindo uma conseqüente exibição e exercitação pública do corpo feminino, em nenhum momento eles eximiam-se de criar e inventar estratégias e táticas de controle e de vigilância sobre os corpos dessas nadadoras.